

FATO / FICÇÃO - GEOGRAFIA / LITERATURA

citação literária no texto geográfico

MSc. Adriana Dorfman
Colégio de Aplicação - UFRGS
Porto Alegre, RS, Brasil
(5551)33316623
adriana.dorfman@terra.com.br

A produção da Geografia Humana brasileira contemporânea é abundante e multiforme. Nesse conjunto recorre-se ocasionalmente à citação de obras de ficção: em meio à argumentação de caráter lógico, evocam-se trechos de obras correlatas em sua temática, mas divergentes no propósito original, devido ao seu caráter artístico.

Tal procedimento é digno de nota já que cada texto é escrito a partir de uma decisão heurística do autor, respeitando as convenções de cada modalidade discursiva:

“La novela y las ciencias sociales difieren ampliamente en sus metas. La ficción [Literatura] crea su propio mundo, sólo parcialmente y en grado variable, basándose en la conducta humana y en las instituciones sociales reales; incluye personajes y descripciones de sucesos imaginados en una estructura, así como evaluaciones o críticas de sus sujetos. Las ciencias sociales tratan de realizar la investigación sistemática en el mundo real con fundamento en los cánones de la prueba, las teorías, las hipótesis, las deducciones y los experimentos. Por consiguiente, los dos enfoques están sujetos a diferentes criterios de evaluación y apreciación”. (Berger, Monroe. *La Novela y las Ciencias Sociales: mundos reales e imaginados*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979: 378, *apud* Machado, 2000: 15).

Tal diferenciação é posterior ao Renascimento, momento em que a *litteratura* ainda incluía a Retórica, a Poesia, a Filosofia, a Teologia, a História e as Ciências, ou seja toda a experiência da leitura: ser capaz de ler e de ser lido (Willams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 52, *apud* Machado, 2000: 22). Só no fim do século XVIII as ciências se afastarão do literário para buscar a cientificidade. Contrapõe-se a partir de então objetivo/subjetivo, fato/ficção, o discurso pragmático/a representação de múltiplas e variadas realidades.

Recentemente discurso literário e produção científica reaproximam-se: por um lado observa-se a ascensão do romance, com aspirações à significação social e realismo; por outro a descrença na neutralidade da ciência revela a impossibilidade da apreciação objetiva. Ao assumir que o trabalho científico é um recorte intencional de vários campos de referência extra-textuais (aquilo que é selecionado no trabalho de campo) e inter-textuais (os textos, acadêmicos ou não, tomados como base) constrói-se uma verdade, ainda que parcial. A História colocou-se esse dilema, amadureceu-o assumindo o debate historiográfico, e parece tê-lo resolvido via conceitos como representação, o que é revelado em numerosos trabalhos nas últimas décadas.

Na Geografia temas, teorias e métodos combinam-se de formas variadas. Predomina na Geografia brasileira um discurso comprometido com a redução das desigualdades sociais, com a denúncia. Essa é a chamada Geografia Crítica, cujo emblema foi cunhado por Yves Lacoste ainda durante a Guerra do Vietnam: “La Géographie, ça sert d’abord pour faire la guerre”. Na expressão *Geografia Crítica* a crítica em questão é voltada mais à sociedade, aos poderes, do que à própria Geografia, em seu conteúdo epistemológico. De forma geral, valem as palavras de Pierre Bourdieu (1987:107), quando afirmou que a Geografia privilegia o conhecimento da “realidade” e não o conhecimento dos instrumentos de conhecimento, isto é, das categorias usadas para conhecer o mundo, o que se deve, segundo Brunet (1992:179) a “ um século de empirismo vagamente positivista”.

Mais de vinte anos se passaram desde então. Houve um claro avanço epistemológico. A crítica estendeu-se aos conceitos. Entretanto, pode-se afirmar que o geógrafo ainda não tem a consciência plena de sua escritura, e abandona o texto sempre que pode, em favor do mapa, do gráfico, da tabela. Na página impera a síntese ou, segundo Bourdieu, um estilo humilde, neutro e empirista. Entretanto, observa-se presentemente a proliferação de inserções de textos literários, marcando uma ascensão do texto.

Esta comunicação busca fazer uma crítica da escritura geográfica, ou uma metageografia do texto geográfico, onde o espaço não é um conceito aplicado à realidade externa e material mas uma explicitação da diagramação da página, da disposição das idéias e das operações e convenções que (como no vocabulário arquitetônico) alicerçam e sustentam, adornam e valorizam o texto, em seus desdobramentos, em sua veracidade.

Essa imodesta tarefa principia hoje em uma das *passagens* mais explícitas no texto geográfico: a citação literária. Na escritura da Geografia encontramos

freqüentemente o recurso à citação de obras de ficção, seja na epígrafe ou no meio de uma argumentação de caráter lógico. A justaposição aproxima, segundo Antoine Compagnon (1996: 41) “dois textos cuja relação não é de equivalência nem de redundância”.

Qual seria, então, a relação? A que serve a citação de textos literários no discurso geográfico? O que torna legítimo - e até desejável - esse procedimento?

Muitas respostas podem ser dadas a essas questões, sendo o exame dos textos o ponto de partida. Assim, serão analisadas as obras “RS: latifúndio e identidade regional”, de Rogério Haesbaert, e “Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho”, de Álvaro Luiz Heidrich.

Antoine Compagnon oferece um repertório de metáforas para a citação, desde a fuga ao mórbido até a cirurgia plástica, concluindo por fim que “escrever, pois, é sempre reescrever e não difere de citar” (p.31). Forma e função se confundem nesse gesto, já que a citação busca o estabelecimento de uma correlação. De qualquer forma, Compagnon adverte, o ato de citar é tão importante quanto o sentido do que se decalcou e a epígrafe, segundo ele, “é a citação por excelência, a quintessência da citação (...) Mas, antes de tudo, ela é um grito, uma palavra inicial, um limpar de garganta antes de começar realmente a falar (...): eis aqui a única proposição que manterei como premissa, não preciso de mais nada para me lançar”.

Literatura: poder criador, liberdade da emoção

A epígrafe do livro “RS: latifúndio e identidade regional” de Rogério Haesbaert (1988), é o poema “El sobreviviente saluda a los Pájaros”, de Pablo Neruda, de Geografia Infructuosa:

“Salí vestido de agua, me extendí como un río
hacia el horizonte que los más antiguos geografos
tomaron como final del presupuesto terrestre:
yo fui entre las raíces, bañando con palabras
las piedras, resonando como un metal del mar.
(...)
Tuve que reunir los pájaros, cercar
Territorios a fuerza de plumajes, de voces
Hasta que pude establecerme en la tierra”

A referência à Geografia, aos territórios, aos acidentes geográficos como rios é o elo visível entre o poema e o texto que o hospeda. Mas o que o geógrafo enfatiza, num texto posterior (1996) são as expressões “vestido de água” e “cercando territórios com a força de plumagens”, dotadas, segundo ele, de emoção, ritmo, poder criador e liberdade de imaginação. A poesia é convocada, portanto, como entrada no que Serres (1990) descreveu como “domínios antes interditados por Augusto Comte, rumo ao abstrato, ao falatório, à probabilidade, ao plural, a um universo aberto de variedades”.

A criatividade e a sensibilidade são invocadas na epígrafe, mas na apresentação ambas são desartadas, já que o livro foi, nas palavras de seu autor, purgado de “trechos cujas referências de ordem pessoal poderiam contrariar a natureza editorial da publicação” já que “com isso, embora mais árido, o discurso torna-se mais objetivo e responde à expectativa daqueles que ainda acreditam na “cientificidade” da análise social” (p.9). A poesia, se ouvida, resgataria o autor da ordem do discurso científico. Então ainda uma utopia, ainda na fronteira do texto.

De qualquer forma, em sua análise voltada para a identidade regional, o aspecto cultural é levado em conta e algumas obras literárias são citadas como apoio ideológico ao projeto regional. O mesmo papel é atribuído ao texto literário no livro de Heidrich.

Literatura: documento da cultura, registro da sociedade

Analisando o mesmo território, o Rio Grande do Sul, o livro “Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho”, de Álvaro Luiz Heidrich (2000), demonstra a permanência do argumento regionalista na sociedade gaúcha contemporânea. No capítulo dedicado à “construção da identidade gaúcha”, o autor afirma que “faz-se da cultura um recurso da política” (p.133), sendo o fomento à identidade regional uma estratégia de inclusão no mercado nacional. O início da “caracterização do gaúcho com tipo social regional” se deve, segundo Heidrich, à José de Alencar. Ao Partenon Literário e à Simões Lopes Neto atribui-se papel importante na construção do mito. Cyro Martins e Erico Veríssimo “partem do mito para construir a imagem da decadência”.

A única citação textual é do conto “No manatial”, descrevendo a apropriação de um pedaço de terra. A citação é assim introduzida: “No conto, Blau Nunes é a referência da origem, à medida que a anuncia como um mundo sem dono, do qual ele é sabedor; relata-o como natureza e cultura preexistentes, a partir das quais vivifica nas relações societárias as ligações com esse mundo e a sua forma de apropriação. Desse modo, a partir de uma origem mítica, o regional ganha ares de argumento histórico” (p.138).

O discurso sobre a identidade regional apoia-se no “documento”, ou seja, na obra literária: para comprovar a construção ou existência do gaúcho, entra em cena Blau Nunes. A obra literária é citada devido à sua difusão e, especialmente, por seu caráter material, concreto. Convoca-se seu valor cultural (e não o artístico ou o estético).

A literatura é apresentada como construtora da identidade, com autoridade suficiente para transmutar o mito em história, graças a sua capacidade de permanência. Já a “imagem da decadência” apontada em Cyro e Erico é atribuída ao caráter de registro da literatura.

Observa-se, assim, a presença da literatura, mas uma quase ausência de texto literário, isto é, a importância das obras é reconhecida mas seu texto não é objeto de maiores análises.

Um ponto deve ser levantado: as obras literárias invocadas, todas pertencentes ao cânone regional, são repetidamente citadas em análises da identidade gaúcha. Outro corpus indicaria, certamente, um perfil diverso para a identidade em questão. Trata-se, portanto, de analisar ou de reiterar o já analisado? Essas obras teriam as funções de ornamento e autoridade, identificadas por Stefan Morawski (*apud* Compagnon, 1996: 47)?

Analisar literariamente e não mais literalmente

A análise destes e de outros textos geográficos aponta para as seguintes conclusões. As coincidências ou descontinuidades entre discussão geográfica e seu contraponto literário apontam também para os seguintes encaminhamentos.

A aproximação entre o literário e o geográfico permite estabelecer relações intertextuais e reconhecer as divergências entre os discursos. Como trabalhar textos cujos propósitos originais eram distintos, um buscando expressão com valor estético, outro propondo-se a descortinar sentidos da realidade? Graças a esse contato toma-se consciência da existência de uma escritura da geografia.

O texto geográfico é multiplicado pela obra literária. A poesia descortina significados mais abrangentes que aqueles forçosamente coerentes e racionais da ciência. No momento presente, essa metodologia está em construção:

“A noção de “lugar”, embora sendo obra de imaginação e criação literária, contém uma “verdade” que pode estar “além” daquela advinda da observação acurada, do registro sistemático de fatos. Esta capacidade paradoxal encontrável na Literatura, ou a ela conferida pelo geógrafo, brota de um reconhecimento de que a essência ou a verdade do mundo transcende à

interpretação de dados coligidos por geógrafos, historiadores e sociólogos. Não se trataria, de modo nenhum, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (Literatura) novos aspectos de “interpretação”; reconhecê-la como meio de enriquecimento” (Monteiro, 2002: 14-15).

Contemporaneamente, o texto geográfico consulta a obra literária. As citações literárias funcionam, nesse caso, da mesma forma que as 'científicas', reiterando a intenção do autor, apoiando a argumentação. É o caso do estudo das identidades geográficas, onde as obras literárias já foram reconhecidas como fontes, e é o caso também do estudo das paisagens através da Geografia Humanística, onde assume-se desde o princípio a importância das percepções na ação sobre a paisagem.

Finalmente, acredita-se que o corpus usado pela Geografia deva incluir textos ditos fronteiriços ou marginais. Ainda que o valor estético ou artístico destes possa ser questionado, a rentabilidade dos textos geográficos será ampliada pela busca de textos literários não canônicos, capazes de revelar ângulos inusitados e percursos menos trilhados, mas ainda assim significativos, para a análise geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *S/Z*. Lisboa: Edições 70, 1980. 199 p.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. RJ: Bertrand Brasil, 1987. 311 p.
- BRUNET, Roger et all. *Les mots de la géographie*. Paris, Reclus, 1992.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996 p.
- HAESBAERT, Rogério. *RS: latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, 104 p.
- _____. Território, poesia, identidade. *Territórios alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 1996. p. 143-158.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho*. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 2000, 212 p.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma, *Poétique Revista de Teoria e Análise literárias*. Coimbra, Livraria Almedina, 1979. p. 5-49.

MACHADO, Ronaldo Silva. *Romance e História: a Revolução de Trinta em O Tempo e o Vento*. Campinas: UNICAMP, 2000.(Dissertação de Mestrado).

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama. Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: EDUFSC, 2002. 242 p.

SERRES, Michel. "Ponto, plano (rede), nuvem". *Hermes, uma filosofia das ciências*. Graal, 1990.